

O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA MODALIDADE DE ENSINO JOVENS E ADULTOS – EJA

SILVA E SOUSA, Maria do Socorro de Araujo
Integrante do GEPeeeS-CCAE – UFPB - CNPq
msasousasilva@hotmail.com

SOUSA, Rosineide Marta Mauricio de
Integrante do GEPeeeS-CCAE – UFPB - CNPq
rosineidesousart@hotmail.com

NASCIMENTO, José Mateus do
Professor Dr. Orientador
Líder do GEPeeeS - CCAE – UFPB - CNPq
zenmateus@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar estratégias e metodologias de ensino-aprendizagem no tocante aos mais variados gêneros textuais, na modalidade de Jovens e Adultos - EJA. A presente análise propõe o uso dos gêneros textuais em um domínio que possa trazer resultados no processo de ensino-aprendizagem do ler, escrever e compreender textos na sala de aula. Trata-se da reflexão sobre a ação dos professores em usarem habilidades nas práticas sociais da leitura e da escrita, fazendo os alunos de EJA entenderem que são pessoas capazes de interagirem com a diversidade textual. O trabalho toma como foco o exame de planos de ensino, aplicação de questionários e análise de dois livros didáticos de língua portuguesa destinados ao ensino de EJA. Esperamos contribuir para o conhecimento do que já existe e ainda não se efetiva na prática docente. O resultado deste estudo propõe o uso dos gêneros textuais e da gramática, visando à necessidade de firmar posições consistentes que valorizem diferentes situações de aprendizagem envolvendo a diversidade de gêneros textuais, com suas diferentes funções e variedades de estilo. É importante que a escola e professores de EJA propicie aos seus alunos novas maneiras de ensinar e aprender a língua materna.

Palavras-chave: EJA. Gêneros Textuais. Ensino.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de mostrar o uso dos gêneros textuais na modalidade de Ensino Jovens e Adultos - EJA e contribuir para o desenvolvimento do conhecimento diversificado dos mesmos, esclarecer o sentido, tornando-os compreensíveis aos que se encontram envolvidos na educação de jovens e adultos, ou seja, a escola e professores. Pretendemos demonstrar a viabilidade desses gêneros textuais pela mudança geral no ensino da leitura e da escrita desses textos, uma vez que os mesmos circulam nas escolas e em toda esfera social. Visando atender aos princípios desta nova realidade, aprender de forma eficaz é a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs quando sugere que o trabalho deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos, fornecendo-lhes orientações mais precisas na relação com os conteúdos e os planos de ensino.

Os gêneros textuais constituem um excelente material didático para o ensino-aprendizagem, mesmo que as interações sejam, às vezes, limitadas, quando se pensa em jovens e adultos. A apropriação dos gêneros ainda é um exercício tímido, porém é de responsabilidade da escola e dos professores buscarem novos desafios, estratégias, concebendo o ensino-aprendizagem como uma prática que dê possibilidades de criar condições para todos os alunos que possam desenvolver suas capacidades e aprendam a constituir sua realidade em relação ao social, a política e a cultura. Assim, estaremos em permanente estado de mudanças e com isso, promovendo a redefinição de concepções pedagógicas.

Analisaremos dois livros didáticos de língua portuguesa destinados ao ensino de EJA fornecidos pela coordenação das escolas, que ficam a disposição dos professores para usá-los servindo de suporte para as aulas, os conteúdos fornecidos pela Secretaria Municipal de Ensino da cidade de Rio Tinto - PB, o plano de ensino e o questionário da professora de EJA. O intuito está em propiciar uma reflexão sobre as habilidades de transformar as aulas de aprendizagem da língua materna, fazendo os alunos admitirem que são pessoas capazes de entender como se efetua o processo de ensinar e aprender a leitura e a escrita a partir da interação com os gêneros textuais.

Este trabalho propõe mostrar a importância do uso dos gêneros textuais na modalidade de ensino para jovens e adultos – EJA surge da necessidade de trabalhar

uma linguagem que permita a leitura e o contato com variados gêneros textuais, tornando-os um instrumento dinâmico nas atividades, na didática, nas práticas e situações da vida desses alunos.

No trato com a língua portuguesa, o Plano Nacional de Livros didáticos – PNDL (2004) sinaliza para organização do ensino de modo que os alunos sejam capazes de, entre outras competências discursivas, compreenderem os textos orais com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz. O objetivo central é formar cidadãos que saibam usar a língua em diferentes esferas comunicativas, a fim de que possam ter acesso aos bens culturais e alcancem à participação plena no mundo letrado.

Bakhtin (1997, p. 281 e 282) define que gêneros do discurso/textuais são elementos fundamentais para as aulas de língua portuguesa por serem constituídos historicamente e que mantêm uma relação direta com a dimensão social. Refere-se que só nos comunicamos, falamos e escrevemos através do gênero do discurso/textuais. Para Schneuwly e Dolz (1999, p.10)

[...] toda introdução de um gênero na escola é resultado de uma decisão didática que visa objetivos precisos de aprenderem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente para melhor conhecê-lo, melhor produzi-lo na escola e fora dela e, em segundo lugar, para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero que é transferível para outros gêneros.

Comungado com esse pensamento, Marcuschi (Apud, DIONÍSIO,2007) diz que esses gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social dos sujeitos. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. O autor parte do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Então a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*. Essa posição, defendida por Bakhtin (1997apud) e também por Bronckart (1999 apud) é adotada por alguns autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirmo o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de

atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos.

Nesse contexto teórico, Bronckart (1999) diz que a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que o dizer, também constitui a realidade, sem, contudo cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. Fugimos também de um realismo externalista, mas não nos situamos numa visão subjetivista. Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Antes de relatarmos como os gêneros textuais são importantes na EJA é preciso que deixemos explícitos que existe uma diferença entre gênero textual e tipo textual.

Para uma maior compreensão do problema da distinção entre gêneros e tipos textuais sem grande complicação técnica, que permite entender as diferenças com certa facilidade, buscamos a definição por Marcuschi (Apud, DIONÍSIO, 2007). Essa distinção é fundamental em todo o trabalho com relação à produção e a compreensão textual. Vejamos aqui uma breve definição das duas noções:

- a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.
- b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. (MARCHUSCHI,2000, Apud DIONÍSIO, 2007, p.22).

Para Bakhtin (2003, p.262 - 264), a diversidade dos gêneros é praticamente infinita já que são inesgotáveis as situações e os campos da atividade humana no uso da linguagem. Ele classifica dois gêneros básicos, *os primários* (os simples), próprios da informalidade do cotidiano, ou seja, todos aqueles em que são necessários a comunicação no âmbito social, dentro de nossas comunidades e *os secundários* estes mais complexos, ideológicos, elaborados na condição formal.

Além disso, a concepção de Bakhtin sobre gênero não é estática, pois os gêneros sofrem transformações. Isso nós podemos verificar analisando as características de determinado gênero na sua origem e percorrendo a trajetória deste mesmo gênero. Em determinado momento verificamos as mudanças ocorridas sobre um determinado gênero, seja ele qual for, para satisfazer as necessidades de comunicação, quer sejam transformações sociais, ou a mudança de procedimentos de organização. Por exemplo, as cartas são consideradas o meio de comunicação mais antigo do mundo. Por ser um dos registros mais antigos a carta é a mãe de todos os gêneros textuais, ao lado dos mitos e contos populares.

Irané Antunes (2009, p.14) nos mostra orientações didáticas necessárias para trabalhar com os gêneros textuais e os usos desses textos no letramento dos alunos. A autora diz que:

Os professores precisam estar conscientes das amplas funções desempenhadas pelo uso da língua na construção das identidades nacionais e na participação dos indivíduos nas mais diferentes formas de promover o desenvolvimento das pessoas e dos grupos sociais; saber mais sobre as questões textuais de coesão e coerência; graus de informatividade de um texto e sobre vazios lingüísticos e pragmaticamente autorizados pelos contextos da interação, conhecer melhor as implicações lexicais, gramaticais e discursivas da diversidade de tipos e de gêneros de textos, conhecer mais sobre intertextualidade e seu peso na atividade de ler e elaborar textos, sobretudo aqueles mais complexos; saber como promover a gradativa inserção do indivíduo no mundo da escrita, da cultura letrada e como articular ensino, avaliação, avaliação e ensino e como se pode dar um tratamento textual às unidades da gramática.

Nesse sentido, queremos dar ênfase ao ensino da gramática na perspectiva dos gêneros textuais. Segundo Antunes (2009, pag. 58 e 59), “as regras gramaticais ganhariam seu caráter de funcionalidade, uma vez que seriam explorados de acordo com

as particularidades da cada gênero”. A autora enfatiza dando exemplos como o estudo dos pronomes, e cada uma de suas subclasses:

Os pronomes de tratamento seriam estudados quando se estivesse explorando as especificidades das cartas e de outros tipos de comunicação interpessoal e, não, a partir da seqüência das classes de palavras. Outro exemplo é as diferenças implicadas nos usos dos modos e dos tempos verbais que ganhariam sentido quando vistas como exigência de determinado tipo de gênero: narrativo, descritivo ou expositivo. Além disso, as atividades de compreensão superariam o simples cuidado de entender o texto, ou a semântica de seu conteúdo, para atingirem as propostas comunicativas com que foi posto em circulação, também as intenções pretendidas pelo autor, as quais se expressam nas palavras e em muitos outros sinais. É preciso que tenhamos olhos para ver outras coisas nos textos além de sua correção gramatical. A escola não pode centrar-se apenas no estudo da gramática e deixar para descrições sumárias e superficiais a complexidade das questões textuais.

As palavras desses estudiosos reforçam a necessidade de os professores trabalharem esses gêneros em sala de aula ajudando os alunos a desenvolverem suas habilidades e prepará-los para conviver na sociedade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997, p. 54 e 55), a leitura na escola tornou-se, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura e os diferentes para quês: resolver um problema prático, se informar, diverti-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não formarão leitores competentes. (BRASIL, 1997, p. 54 e 55)

Sabemos que a Língua e Linguagem se entrelaçam e constitui o indivíduo na sua esfera provendo seu desenvolvimento sócio-cultural. A Língua Portuguesa está presente em todo contexto escolar e influencia as orientações que emanam dos PCN, os quais dizem que os gêneros textuais servem como objeto de ensino refletindo na função do professor, no exercício pedagógico. Daí a necessidade de se trabalhar uma linguagem que permita leitura de mundo, o contato com os mais variados gêneros textuais, promovendo competências para ler, escrever e usar a oralidade.

Neste sentido, este estudo preocupar-se-á com uma prática de ensino que integre a diversidade de textos em situações diferentes na sala de aula com a realidade dos alunos da EJA, considerando que estudos dessa natureza permitam aos educadores e à pedagogia, reavaliar o uso dos recursos utilizados no ensino da língua e das linguagens na escola.

METODOLOGIA

A idéia de desenvolver este trabalho com gêneros textuais poderá levar a escola deixar de ser um local de reprodução mecânica do conhecimento e passará a desenvolver um ensino eficaz. Existe um desafio contínuo na prática docente: como formar cidadãos, capazes de interagir no meio que ensina, articulando-se ao contexto o sócio-cultural de cada um deles.

Usou-se o procedimento de coleta de dados através da análise de livros didáticos destinado ao ensino da Língua Portuguesa na EJA e os conteúdos fornecidos pela Secretaria Municipal de Ensino da cidade de Rio Tinto-PB, além do plano de ensino e o questionário aplicado junto à professora de EJA.

O questionário foi aplicado à professora da Escola Municipal Herman Lundgren/PB, para o questionário apresentado, elaboramos sete questões, no qual pedimos que a mesma respondesse de acordo com as aulas de Língua Portuguesa e mais especificamente ao uso dos gêneros textuais. Toda a análise foi feita com base no questionário respondido pela professora.

Os livros didáticos de Língua Portuguesa analisados foram: Ensino Fundamental – 2º segmento – Integrado de 5ª a 8ª série – autora Lúcia Aparecida Silva Lima . Editora

Dinâmica – João Pessoa – PB, 1ª edição, ano julho de 2005 e Palavras em Movimento – Educação de Jovens e Adultos – EJA – 5ª e 6ª série – Português e Inglês, autora Claudia Ramos de Andrade – Grupo Educar – Editora Salas – Recife – PE. Nos dois livros analisados os gêneros textuais aparecem como alternativas para o acesso aos mais variados gêneros: contos, crônicas, receitas, bulas de remédios, reportagens, músicas e alguns tipos de textos que caracterizados pela a descrição, narração, injunção e exposição.

A pesquisa realizou-se na escola: Escola Municipal Herman Lundgren/PB, funciona as turmas do Ensino Fundamental Regular e Educação de Jovens a Adultos - EJA. O primeiro contato com a escola foi para requerer a permissão para realização e desenvolvimento da pesquisa. Nossa proposta foi analisada e aprovada pela coordenação da escola.

A escola pesquisada é a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Herman Lundgren”, situada no Bairro Centro, Rua Tenente José de França, s/n, funciona os três turnos, no matutino e vespertino o ensino regular o pré-escolar, e do 1º ao 5º ano do ensino regular do Ensino Fundamental e o Ensino de Educação de Jovens e Adultos - EJA de 5º ao 9º ano. Esta escola atende em torno de oitocentos e seis alunos contando o ensino regular e o Ensino de Educação de Jovens e Adultos.

Antes de iniciarmos a pesquisa com a professora de Língua Portuguesa de EJA, procuramos ter uma conversa informal com a coordenação na Secretaria Municipal da cidade de Rio Tinto/PB sobre o Livro Didático de Língua Portuguesa, destinado aos alunos de EJA. A secretaria nos informou que elabora os conteúdos a serem aplicados na sala de aula e os professores ficam livres para escolha desses livros, que servem de suporte para as aulas. Constatamos que ocorre a distribuição dos conteúdos aos professores de EJA por meio da leitura dos planos de ensino, ambos estão gramaticalmente desvinculados da realidade e da proposta dos PCN de Língua portuguesa (BRASIL, 1997, p.47 e 48), que traz considerações a respeito do tratamento didático dos conteúdos. O trabalho didático parte-se da concepção de que determinados objetivos só podem ser conquistados se os conteúdos estiverem um tratamento didático específico, há uma estreita relação entre o que e como ensinar.

Parte-se do pressuposto de que a própria definição dos conteúdos é uma didática que tem direta relação com os objetivos colocados, de forma que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção.

Assim, o critério de organização dos conteúdos de Língua Portuguesa em termos de uso-reflexão-uso de certa forma define também o eixo didático, e se caracteriza um movimento metodológico de ação-reflexão-ação em que se pretende, progressivamente, alcançar uma reflexão que incorpore às atividades lingüísticas do aluno, de tal forma que ele tenha capacidade de monitorá-las com eficácia.

Quando se pretende que o aluno construa conhecimento, a questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se refere, essa questão é, então, de natureza didática. Nesse sentido, a intervenção pedagógica do professor tem valor decisivo no processo de aprendizagem e por isso, é preciso avaliar sistematicamente se ela está adequada, se está contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar.

Em se tratando da área de Língua Portuguesa, o professor também tem outro papel fundamental: o modelo, além de ser aquele que ensina os conteúdos, é alguém que pode ensinar o valor que a língua tem para nossa sociedade.

Se o professor, como usuário da escrita, de fato, tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidade pouco letrada, onde não estão acostumados a participar de práticas/eventos de leitura (saraus, lançamento de livros, outros). Nesse caso, muito provavelmente, o professor será a única referência. (BRASIL, 1997, p.47 e 48).

RESULTADOS

Breve análise do questionário respondido pela professora da Escola Municipal Herman Lundgren/PB: percebemos que embora a professora utilize alguns gêneros, porém não sente segurança, reproduzindo métodos, falta clareza e apropriação do que significa para ela gêneros textuais e tipos de textos, sobre a verdadeira importância de se trabalhar com gêneros textuais que já circulam nas escolas. Os professores de EJA são os responsáveis por promoverem um ensino-aprendizagem significativo, a partir da troca de experiências, mas não conseguem desenvolver tais ações aliado às

competências para lidar com os gêneros textuais. Segundo Antunes (2009, p. 193-194), isso se constitui uma prioridade por quê ?

A leitura favorece o acesso a novas informações e deve preencher os objetivos prioritários da escola porque permite *o acesso ao imenso acervo cultural* constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação, acesso a novas idéias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo. A escola parece ignorar esse princípio quando não põe em pauta prioritária o estudo das questões textuais. Por que não focalizar a matéria prima com que se constrói qualquer gênero de texto, ou seja, seu conteúdo semântico, seus propósitos comunicativos e suas regularidades textuais?

Assim como o autor, acreditamos que a apropriação dos gêneros textuais pela escola e pelos professores ainda é um exercício tímido. Se colocarmos em prática essas prerrogativas, estamos investindo em formas de interação com os alunos de EJA, tornando-os leitores de diversos e variáveis textos, sugerindo uma relação muito diferente daquela observada no questionário e nos planos de ensino da professora pesquisada. Cada ser constrói e assimila conceitos a partir de seus conhecimentos, suas vivências, suas crenças, sua interação com o grupo social, sua cultura e história de vida. Não pretendemos ditar o que seja certo ou errado, o que é bom ou mal, até porque tudo que refletimos a partir dessa pesquisa pertence a uma discussão filosófica que se projeta para além, no desdobramento de outros estudos.

CONCLUSÃO

Em toda análise existiu por parte dos professores uma grande lacuna entre o que ensinar? E para que ensinar? E porque ensinar? Tais indagações permitirão aos professores maior interesse quanto à elaboração dos seus planos de ensino, principalmente em se tratando da EJA, modalidade que requer uma formação específica e continuada.

O objetivo maior está em tornar o aprendizado mais eficaz, os alunos mais participativos e conhecedores de sua realidade e identidade. Que, também, o trabalho em sala de aula se organize em torno desses gêneros de tal forma que propicie aos professores, responsáveis pelo ensino-aprendizagem da língua materna, condições para promoverem uma reflexão sobre diferentes possibilidades de aprender; que a gramática seja ensinada não como tradição, impostas nas propostas pedagógicas e nos livros

didáticos, centrada em reproduções mecânicas, recheadas de conceitos e regras, que seja mediadora, aquela que é capaz de seduzir pelas vivências em sala de aula; que gramática e gêneros textuais cada uma, com suas especificidades, sejam complementares, estejam ativamente dinamizando, desde a escolha dos conteúdos trabalhados na sala de aula até aos primeiros percursos do ensino de EJA, buscando a valorização da circulação dos gêneros textuais, dos usos, das funções na escrita e na oralidade; que as estratégias didáticas diferenciadas façam a consolidação entre aprender gramática dentro dos gêneros textuais, para que os alunos conheçam e reconheçam o que estão aprendendo. É importante que a escola e professores de EJA ofereçam aos alunos de EJA novas maneiras de aprender e que retratem o que pré-existe com referência aos gêneros textuais desses alunos, dando sentido a toda sua vivência.

Para o professor de EJA não há lugar para o que já está pronto ou o que fazem mecanicamente em sala de aula com esses alunos, antes seu papel é auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo desses alunos na escola e na sociedade, resgatando valores sociais condizentes com a igualdade dos alunos que estão na escola ou fora dela. Não podemos esquecer que o estudo e formação são constantes para o desenvolvimento de cada um desses alunos.

É preciso que os professores de EJA mostrem-se comprometidos e disponíveis para tais atividades, principalmente, em Língua Portuguesa. Disciplina tomada como ponto de partida para a participação de todas as outras disciplinas tratadas na escola, para o desenvolvimento integral da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino outra escola possível** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de ensino; 10).

BAKHTIN, M. 1997. **Estética e Criação Verbal**. 2 ed. São Paulo: Martin Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da educação. Conselho Nacional de Educação Básica – **Resolução CNE/CEB nº 2**, de 11 de setembro de 2001. Brasília: CNE/CEB, 2001.

_____. Ministério da Educação 2007. Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/secad/](http://portal.mec.gov.br/secad/) - acesso.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Nº. 9394 de dezembro de 1996.

BRASIL. Carta (1997). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal.

BRASIL, Ministério de Educação (2002). **Adaptações Curriculares em Ação: Desenvolvendo Competência para o Atendimento às Necessidades Educacionais de alunos com altas habilidades/ superdotação**. Brasília: MEC/SEESP.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares/Secretaria de Educação Especial**. – Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998. 62p.

BRASIL – SEF/MEC. **Guia do Livro Didático (PNDL 2004)**. Brasília: MEC/SEF, 2004.

CONGRESSO NACIONAL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – Diário oficial da União 23/12/1996.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e Ensino**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glais Sales cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.